

## Vila Cova

VILA COVA, orago Santa Maria, era uma reitoria da apresentação da Mitra.

O nome *Vila Cova* denota, como diz o P.<sup>e</sup> António Gomes Pereira, que esta freguesia está em *lugar baixo* relativamente às circunvizinhas.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação : = « De Sancta Maria de Villa Cova de Terra de Nevia » e nelas se diz que: « habet ibi dominus Rex suum Regalengum »; que « Vadunt ad castellum »; « quod Rex non est patronus » que « ista ecclesia habet senarias et quebradas. Et Palmi 11 casalia et quebradas Balneum 11 casalia et entradas, Sancta Eolalia 1 casale et médium, Várzea duas partes de uno casale ».

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 se diz: *In Judicato de Nevia*, Item, *in parrochia Sancte Marie de Villa Cova* que el Rey non est patronus de ecclesia; pectam 4<sup>or</sup> caomias, se as fazem, et vam ao castello >.

Fala-se nestas Inquirições de Marezes, Exati, Vila Cova, etc.

Gomes Pires Bisamato foi Juiz de Neiva, como destas Inquirições se depreende.

Houve nesta freguesia um mosteiro de freiras da Ordem de São Bento, sendo a apresentação dos abades de Vila Cova deste mosteiro, mas, extinguindo-se aquele mos-

teiro em época que não sei determinar, passou a apresentação do seu pároco com o título de Reitores para os arcebispos de Braga até 1834.

Corre na tradição que a primitiva *Igreja Paroquial* era em Enchate (1), onde dizem também era o convento de freiras, a que acima nos referimos, do qual porém não há vestígios.

A actual matriz de Vila Cova ergue-se ao lado esquerdo da estrada que vai a Curvos, em um pequeno largo, com as costas voltadas a esta.

Este templo foi reconstruído e ampliado nos fins do século passado.

Ao lado esquerdo da sua alta frontaria, de arquitectura simples e encimada por um nicho, ermo de seu morador, ergue-se uma torre para os sinos, a qual já serviu ao edifício anterior. Na fresta que dá luz à sua escada lê-se na padieira a inscrição: «ANNO DE 1772», data da construção desta torre. Por trás, encostada à igreja, estão as casas da arrecadação e a seguir a estas, junto à capela-mor, a sacristia paroquial.

Por cima daquelas casas, junto à torre, está o relógio, que tem sobre o mostrador a data 1898.

Templo amplo, espaçoso e iluminado por rasgadas janelas, a sua capela-mor é forrada a estuque com altar e tribuna grandiosa. Tem gravada nesta a data 1888, a do seu douramento.

*(1) A Igreja em Enchate não seria a matriz da extinta freguesia de Enchate, que existiu entre Vila Cova e os Feitos? Levanto esta dúvida que não posso resolver em face de documentos, pois o arquivo paroquial de Vila Cova desapareceu por completo em um grande auto de fé que os herdeiros de um abade fizeram a todos os papéis que encontraram na Residência.*

Na parede do lado do evangelho lê-se em um quadro a seguinte inscrição: «ESTA IGREJA FOI CONSTRUIDA EM 1886 A 1887 REITOR ANTONIO PEREIRA DA CUNHA JUNTA DE PAROCHIA MANOEL JOSÉ DO VALLE ROZENDO MANOEL JOSÉ GOMES DOS SANTOS MANOEL SILVESTRE DA COSTA LUIZ ANTÔNIO DOS SANTOS PORTELA JOSÉ ALVES ROSA FEITA POR MANOEL JOSÉ DE FARIA PALMEIRA».

O corpo da igreja é forrado a madeira pintada com o ícone da padroeira ao centro.

Tem quatro altares laterais, três modernos em talha belamente pintada e doirada, e um, o das Almas, antigo e de grande apreço.

No senafão que cobre o arco cruzeiro lê-se a data: ANNO 1891.

Tem púlpito, cujas guardas de madeira contêm boa pintura antiga, coro, suspenso em três arcos firmados em colunas de pedra com capitéis jônicos, e baptistério, metido sob um arco debaixo da torre em cuja arquivolta se vêem figuras de anjos, com pia em granito antiga.

Do mesmo lado esquerdo foi construído um pequeno coro para um órgão, lendo-se por cima a data 1889.

O tesouro desta igreja está bem provido, contendo muitas pratas para uso do culto, destacando-se entre elas uma bela custódia, uma cruz processional e outra mais pequena que pertenceu a Banho.

No adro encontra-se uma pia baptismal em granito, que segundo nos dizem era a da freguesia de Banho.

A *Residência Paroquial* ergue-se ao lado direito da igreja, separada desta pelo adro. No parapeito do patamar das escadas, coberto por um gracioso alpendre, lê-se a seguinte inscrição: «REEDIFICADA EM 1928 PELOS BONS PAROQUIANOS E DIGNOS PROPRIETÁRIOS DE VILA COVA E BANHO».

Fora do adro, mesmo em frente à porta principal da igreja, foi construído o *Cemitério*, tendo sobre o seu portão a inscrição: 1892 CEMITÉRIO PAROCHIAL DE VILA COVA.

O *Cruzeiro Paroquial* fica em um pequeno largo, ao nascente da igreja, formado pelo cruzamento da estrada de Curvos e a que vai à capela de S. Brás. Firma-se a cruz em um grande globo de pedra assente em uma alta coluna com capitel coríntio. Não tem data nem inscrição gravada na sua base.

Ao lado da estrada em frente a este cruzeiro foi construído um pequeno plinto de pedra com a inscrição: AVENIDA RODRIGO BROCHADO.

Tem esta freguesia as seguintes capelas:

A *Capeta de S. Brás*, de fundação antiga, foi mudada em 1927 um pouco para poente de onde estava. É pública.

A *Capela de Nossa Senhora da Conceição*, junto à casa de Mareces, foi construída há uns 200 anos. É particular e pertence ao Snr. Carlindo dos Santos Portela.

Houve nesta freguesia, além doutras, a *Capela de S. João*, junto à casa do Abrunheiro, hoje em completa ruína, coberta de eras, e a de *São Mamede*, no monte daquele nome.

Existem ainda as seguintes *Alminhas*: as do Madeira, que têm sobre a padieira a data 1846, as de Samo, as do Beça, as das Eiras, as do Rola, as do Boaventura, as da Beça (Enchate), as do Pito e as do Aldeia.

Esta freguesia, situada em planície na bacia orográfica do Cávado, é fertilizada pêlos ribeiros do Agro do Banho, que nasce em Curvos e vai lançar-se no Cávado, e de São Gonçalo, que nasce no monte de São Gonçalo, atravessa a freguesia dos Feitos e esta de Vila Cova, na qual toma diversos nomes, e é também afluente do Cávado.

Existem nesta freguesia de Vila Cova várias pontes e pontilhões, dentre as quais mencionaremos a do Giestal, a do Abrunheiro, etc.

As suas fontes públicas são: a do Paço, a de Nanquim, a do Poço, a de Pontelinha, a de Lilão, a da Lagoinha, a do Outeiro, a de Friande, a do Talho, a de Banho e a de Enchate. É servida pela estrada que da n.º 4 de 1.ª classe de Esposende a Barcelos vai por Curvos ligar à da Barca do Lago à Estação de Barroelas e pela que desta de Curvos segue à capela de São Brás.

A actual freguesia de Vila Cova confronta pelo norte com a de Palme; pelo poente com a de Curvos, a de Palmeira de Faro e a de Gemezes, do concelho de Esposende; pelo sul com a de Perelhal e pelo nascente com a de Creixomil, a de Vilar do Monte e a dos Feitos.

A sua população no século XVI era de 102 moradores; no século XVII era de 200 vizinhos; no século XVIII era de 173 fogos; no século XIX era de 1.071 habitantes e actualmente, as duas freguesias Vila Cova e Banho, é de 1.388 habitantes, sendo 600 do sexo masculino e 788 do sexo feminino, sabendo ler 278 varões e 115 fêmeas, havendo pois 995 analfabetos (1).

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Samo, Banho, Portela, Enchate, Outeiro, Serra, Barreiras, Mareces e Vila Cova.

As casas mais importantes são: a do Abrunheiro, a do Ferramenta, a de Semeadela, a do Bárrio, a da Aldeia, a da Cachada, a da Bouça, a do Rosendo, a de Banho, a da Casada, a do Barroso, a de Enchate, a dos Novais, a do Tomás, a do Bento, a da Quelha, a do Mendes, a de Lilão,

(1) *Censo da População de 1930.*

a do Freixo, a da Ponte, a dos Assunções, a do Carvalho, a dos Regos, a do Damásio e a da Capela.

No lugar do Samo existe um portal, ostentando um escudo com o seguinte emblema (?) cinco cunhas em campo; em chefe um martelo e em contra-chefe uma estrela; sem elmo nem paquife.

Tem esta freguesia seis estabelecimentos comerciais, Caixa do Correio, Escola Oficial com três lugares (um criado recentemente), que funciona em Edifício próprio, e um Posto de Ensino, que funciona em edifício arrendado.

Na fachada do edifício escolar, virada à estrada, lê-se em uma lápide de mármore a seguinte inscrição:  
«ESCOLAS VALE MANDADAS CONSTRVIR POR D. JOSEFINA MENDES DO VALE BROCHADO EM HOMENAGEM A SEV FALECIDO MARIDO JOSÉ JOAQUIM DO VALE E SEV FILHO JOSÉ QVILHERME 1909».

*José Joaquim do Vale* foi um grande benemérito desta freguesia, deixando à Confraria do Sacramento grandes capitais adquiridos no Brasil para com o seu rendimento sustentar um capelão, um médico, distribuir dotes a raparigas pobres, esmolas aos pobres, etc.

*O M. R. P, Fr. Manuel de vila Cova*, Ex-Leitor de Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Ex-Definidor e Ex-Quardião do convento do Porto, foi eleito Provincial no Capítulo celebrado em 11 de Agosto de 1712, segundo diz a Crónica da Província da Soledade.

Pelo uso seguido nesta Religião de os seus membros tomarem o nome da freguesia da sua naturalidade, este M. R. P. franciscano devia ter nascido na freguesia de Vila Cova.

Seria natural desta freguesia?

Assim o devemos admitir em quanto outra freguesia do mesmo nome não venha reclamar a honra de ter sido o berço de tão ínclito varão.

*Baltazar Ferraz Pereira*, nascido nesta freguesia, foi cônego da Sé da Guarda, assistente muitos anos na Cúria Romana, renunciando a conezia em seu parente Manuel Novais Machado, natural da freguesia de Quintiães, que também foi Arcediago de Celorico.

Baltazar Ferraz Pereira, voltando de Roma, veio para a sua quinta de Vila Cova e casou nela seu sobrinho Martim Ferreira da Costa com uma sobrinha do novo cônego Novais Machado, de nome D. Maria de Araújo, que sucedeu na casa.

*Dr. António Emílio Mendes do Vale*, médico, nasceu nesta freguesia em 25 de Julho de 1861 e faleceu em 11 de Agosto de 1928.

*David Martins de Lima*, filho de Miguel Martins e de Teresa Moreira de Lima, nasceu nesta freguesia aos 10-11-1884 e nela faleceu aos 23-8-1911.

Assentou praça em infantaria, foi como voluntário para a África e, fazendo parte da coluna contra os cuamatatas em 1907, tão heroicamente se portou que foi condecorado com seis medalhas, sendo uma delas a Torre e Espada, com a respectiva pensão. Escreveu e publicou um livro — «A Campanha dos Cuamatatas —1918».

Segue a lista de alguns párocos desta freguesia: João Ribeiro —1645, João Rodrigues Pereira—1718; João José Luís Portela—1765; António Boaventura Mendes da Costa —1811; João Baptista dos Santos Portela —1829; António Bento da Silva —1839; Manuel José Gonçalves—1878; João Evangelista de Sousa; António Pereira da Cunha —1887; Paulino José Ribeiro e o Sr. P.<sup>e</sup> José Francisco Rios Novais, muito digno Arcipreste deste concelho e actual pároco de Vila Cova.

Existiu nesta freguesia, no lugar de Vila Cova, uma importante vila romana, onde se vêem ainda restos desta povoação.

No Museu Municipal das Torres, em Barcelos, estão várias peças arquitectónicas desta antiga vila.

Em 1935, em uma bouça no lugar de Mareces, quando os pedreiros procediam a umas escavações encontraram duas meadas de ouro no valor superior a vinte contos.

Os franceses, quando por aqui passaram em 1809, vexaram os povos desta freguesia, fugindo muitos destes para o monte do Faro, em Palmeira do Faro, onde alguns perderam a vida.

No monte de S. Mamede há um penedo a que chamam o *Penedo dos Moiros* e outro conhecido por *Penedo do Sino*.

Perto destes há um outro penedo de enormes dimensões a que dão o nome de *Guarita*.

Por estes sítios há, como por todas essas aldeias, muita gente que crê ainda em moiras encantadas e tesoiros escondidos.

## **Banho**

Banho, orago São Salvador, era uma reitoria, depois da extinção do Convento, da apresentação dos arcebispos de Braga.

A fundação do mosteiro de S. Salvador de Banho é de data anterior à da nossa nacionalidade, pois foi fundado entre os anos de 1067 e 1073, sendo bispo de Braga D. Pedro II.

Pertenceu este Convento à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, (frades Crúzios), passando mais tarde a ser administrado por Comendatários, até que no tempo do Cardeal rei D. Henrique, em 1566, foi reduzido a Comenda da Ordem de Cristo e Reitoria secular.



Vamos tentar reconstituir *novamente* o que foi este Convento e seu vetusto templo.

« O mosteiro de Banho foi um exemplar formosíssimo de arquitetura românica », diz o Sr. P.<sup>e</sup> Bernardino dos Santos Portela, muito digno Prior aposentado da Apúlia, em uma monografia publicada no Jornal «Diário do Minho», de Braga. «Conheci-o e visitei-o algumas vezes nos anos de 1870 e 1871», continua aquele erudito investigador.

«Conheci-o, tendo apenas abatido a abóbada da Capela-mor, o que sucedeu pelos anos de 1865 ou 1866, produzindo memorável estrondo, sentido nas povoações vizinhas ».

A empena fronteira do Mosteiro era voltada para o poente e era recta na parte superior, terminada em friso liso.

A portada era formada por seis colunelos, com os seus capiteis e bases, sustentando uma arquivolta historiada; havia aqui um pouco espaçoso recinto, espécie de galilé, de abóbada de pedra, encostada a outra empena que subia a toda a altura da igreja em que estava a cruz da fronteira e desta empena descia até ao telhado para a empena recta, cobrindo a abóbada da galilé, que servia de coro, servido por uma escada intermural e recebendo a luz do corpo da igreja por uma fresta esguia, a altura do pequeno coro da frente da empena, servido pela mesma escada.

Esta abóbada, sob que estava colocada a pia baptismal, era sustentada por colunelos cujos capiteis representavam abutres, águias e feras devorando crianças; pregavam aos cristãos e infiéis o dogma e a necessidade do baptismo».

«A porta lateral do norte era também formada por colunelos com os respectivos capiteis, encontrando-se uma

cruz e outros feitos no tímpano. O corpo da igreja era coberto de madeira e tinha três ou quatro linhas de ferro».

Conta o cronista o que reteve na memória do que viu daquele velhíssimo templo.

Doutras informações colhemos que ao lado esquerdo da fachada se erguia a torre para os sinos e que esta igreja tinha três altares: o mor e dois laterais.

Na capela-mor existiam as sepulturas do Comendador *João Fernandes Pacheco*, com o escudo dos Pachecos que foi recolhido no Museu Municipal, e outra com letreiro que dizia assim: AQVI JAZ MANOEL PINTO DA FONSECA REITOR DESTA IGREJA.

Do velho cenóbio e templo de Banho apenas restam desoladoras ruínas. Aquelas pedras sagradas ficaram à mercê de quem delas se quis aproveitar, depois da extinção das Ordens religiosas.

A actual igreja de Vila Cova foi quase toda reconstruída em 1887 com pedra vinda de Banho. A Junta Paroquial daquela freguesia, reconhecendo que tinha praticado um abuso em trazer sem autorização a pedra das ruínas de Banho e temendo represálias dos seus adversários políticos, pediu para que aquelas ruínas fossem à praça, sendo então arrematadas por António José Fernandes Ribeiro, que pôs assim a coberto de responsabilidades a Junta dali e vendeu muita pedra a diversos indivíduos.

Mais tarde aquele arrematante trocou as ruínas com o possuidor da Cerca de Banho por umas leiras, mas nem assim a demolição parou, pois ainda há poucos anos veio muita pedra para a reconstrução da Igreja Matriz de Barcelos.

Das fotografias e gravuras publicadas em jornais e revistas no princípio deste século, comparando-as com o que actualmente resta, se vê quanto elas estão reduzidas.

Da ábside apenas existem restos de paredes grossíssimas, a fresta central com duas ordens de colunelos e respectivas arquivoltas na parte interior e exterior, os restos de dois gigantes, que fortaleciam a abóbada, e as duas frestas laterais também com colunelos, incompletas.

De banho foram recolhidos no Museu Municipal de Barcelos um fragmento românico de pedra, representando o cordeiro pascal, restos arquitectónicos do século XII e XIII, tímpano românico e o escudo dos Pachecos, antigo, século XVI.

Ao lado esquerdo deste templo, separada deste pelo adro, erguia-se a *Capelinha de Nossa Senhora da Luz*, hoje completamente desaparecida.

No monte de Banho, pequena elevação a sudoeste das ruínas, existe um *Cruzeiro* em pedra que é interessante.

Na base desse cruzeiro tem gravada uma caveira com duas tíbias em aspa.

Simples e modesta, a cruz que o encima é de hastes rectangulares.

Terminava aqui o *Calvário* que vinha da Igreja Paroquial, do qual apenas existem sete hastes verticais de cruz mutiladas, tendo desaparecido por completo as outras cruzes.

A freguesia de Banho, situada ao poente da de Vila Cova, confrontava pelo norte e nascente com a de Vila Cova, pelo poente com a de Palmeira de Faro, Esposende, pelo sul com a de Gemezes, também de Esposende, e a de Perelhal.

A sua população no século XVII era de 32 vizinhos; no século XVIII era de 14 moradores e no século XIX era de 197 habitantes.

Esta freguesia foi anexada civilmente em 1840 à de Vila Cova, ficando desde então unidas, com a denominação de Vila Cova e Banho.

Em Banho viveram homens ilustres, destacando-se dentre eles os seguintes:

*D. Godinho*, arcebispo de Braga, religioso de muita virtude, que foi beatificado pela Igreja.

D. Godinho era filho de João de Faria, Rico Homem do tempo do Conde D. Henrique, e de sua mulher Ana Godinho Paes de Vilar, Filha de D. Godinho Paes de Vilar, um dos padroeiros do mosteiro de Vilar de Frades.

Foi D. Godinho Cónego Regrante de Santo Agostinho no mosteiro de Banho, Prior deste mosteiro e dali levantado Arcebispo de Braga no ano de 1175, falecendo em 10 de Junho de 1188.

*D. Jorge da Costa*, o Cardeal de Alpedrinha, que temendo a *Justiça* de D. João II se retirou para Roma, onde morreu em 1508 com 102 anos de idade, foi conventual em Banho.

Dentre os reitores da freguesia de Banho temos conhecimento apenas dos seguintes:

Pedro Vieira—1654; Braz Felgueiras; Lucas da Fonseca—1754; João José Luís Portela —1765; António Lopes da Cunha — 1784 e Bento Marques Pereira — 1838, último Reitor.